

Objetivação e subjetivação em uma crônica literária: uma leitura com instrumentos da análise narrativa de Luiz Gonzaga Motta¹

Marcelo Balbino²
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

Resumo

Este artigo tem a finalidade de promover uma aproximação entre a crônica *Calça Literária*, escrita por Carlos Drummond de Andrade e os conceitos de objetivação e subjetivação apontados pelo autor brasileiro Luiz Gonzaga Motta. Podemos dizer que a crônica, publicada inicialmente no ano de 1975, ostenta a objetivação e representatividade jornalística e, no mesmo texto, a subjetivação da imaginação presente na literatura? A pesquisa foi realizada por meio da análise da crônica, em comparação com estudos de narratologia, efeitos de sentido, representatividade e narrativa jornalística. O artigo propõe a utilização da crônica como um instrumento prático de análise e visa destacar e exemplificar reconhecidas estratégias narrativas na interpretação e pesquisa textual. Na ampliação dos resultados, a investigação valoriza o trabalho de um grande nome da literatura e outro da pesquisa e narrativa.

Palavras-chave: Comunicação; Narrativas; Crônica Literária; Jornalismo

Introdução

Este artigo tem o objetivo de promover uma aproximação entre um texto literário e os conceitos de objetivação e subjetivação presentes nos estudos narrativos do professor, jornalista e pesquisador Luiz Gonzaga Motta. Para o trabalho foi escolhida a crônica *Calça Literária*, escrita por Carlos Drummond de Andrade, publicada inicialmente na obra *De Notícias & Não-notícias Faz-se a Crônica* (Andrade, 1975, p.88-90). Posteriormente, em 1979, o mesmo texto foi escolhido para fazer parte da Coleção Para Gostar de Ler (Braga et al., 1979, p.62-64), após triagens realizadas para as primeiras edições no mercado, após pesquisas com professores e alunos (Penz, 2014, n.p.).

A aproximação entre a crônica e os conceitos teóricos se apoia na análise da construção de significados empregados no texto, verificados por meio da análise da narrativa jornalística. Nesse sentido, foi considerada a reconfiguração de acontecimentos,

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom - Univali - 2024.

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Bolsista Capes. Mestre em Comunicação, Arte e Cultura pela Universidade do Minho (Uminho - Portugal). E-mail: marcelobalbino22@gmail.com

conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação e construção do efeito de real, além da subjetivação e seus efeitos poéticos. (Motta, 2005).

O emprego do método de análise, que utiliza o instrumental das pragmáticas da narrativa jornalística da obra de Luiz Gonzaga Motta, é justificado pela simbiose entre o gênero literário da crônica e o texto jornalístico. A informação é reforçada pelos próprios autores da coleção na qual o texto *Calça literária* está presente. “Crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje.” (Braga, et al., 1977, p.4). Outro ponto de convergência que pode ser mencionado é o fato de que todos os autores desse volume, e dos cinco primeiros livros da coleção, (Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga) atuavam como jornalistas e também como escritores. No texto de apresentação de Paulo Mendes Campos, para a mesma coleção, menciona-se que o autor não morria de amores pelo jornalismo, mas trabalhava por necessidade. Na entrevista de introdução dos autores, sobre ser jornalista ou escritor, destaca-se: “Acha que é uma ótima experiência por algum tempo, mas depois pode acabar prejudicando. Só que também não acredita no escritor que não saiba fazer uma notícia de jornal. (Braga, et al., 1977, p.10). Ou seja, diante dessa simbiose, menciona que ser jornalista é bom por um período, mas depois pode ser ruim ao cargo de escritor, mas, - ao mesmo tempo -, exige que um escritor saiba também atuar como jornalista.

Por esse caminho retornamos para responder a inquietação inicial. Podemos dizer que a crônica analisada ostenta a objetivação e representatividade jornalística e, ao mesmo tempo, a subjetivação da imaginação presente na literatura? O resultado do trabalho demonstra a construção da ponte entre o real (objetivo) e o imaginário (subjetivo), ou a ideia de notícia (representação e realidade) e a sua extrapolação (imaginação e sentidos). Nessa jornada o artigo foi constituído nas seguintes partes: enredo da crônica; comparativos entre o texto literário e a teoria narrativa de Luiz Gonzaga Motta; e conclusão.

Enredo da crônica

A crônica *Calça Literária*, de Carlos Drummond de Andrade, foi republicada no volume 4 da Coleção Para Gostar de Ler, da editora Ática, no ano de 1979. De estilo

objetivo, cortante e direto, Drummond alinhava o texto em frases curtas com alguns diálogos, humor e ironia.

Os personagens não são identificados. A história retrata a conversa entre duas pessoas que inicialmente falam sobre dizeres e mensagens escritas, encontradas nas roupas das pessoas que transitam pela cidade. No estilo mais direto o autor inicia: “É assíduo leitor de blusas, camisas, saias, calças estampadas. Não lhe escapa um exemplar novo. Parece desligado, e observa tudo.” (Andrade, 1979, p.62).

Na sequência, o texto informa que as roupas estão indo muito além de ostentar apenas marcas, símbolos, manchetes, notícias ou nomes de universidades americanas.

A gente estranha é uma camisa inteiramente nua de dizeres ou figuras, a roupa não diz nada, só roupa. Hoje lê-se mais nos tecidos do que nos livros, é não é ler apenas, é ver cinema e televisão, pois os corpos, ao se moverem dinamizam as figuras estampadas. (Andrade, 1979, p.62).

Em seguida, o personagem afirma que pretende aproveitar o material escrito nas roupas para fins especificamente didáticos. Seu desejo é ensinar disciplinas como história, geografia, matemática, medicina. “O indivíduo cobre-se e vai distribuindo ciência. Ou aprendendo. Vinte minutos no ônibus – que aula! Classes ao ar livre, na feira, na fila. Escola dinâmica”. (Andrade, 1979, p.62).

Na continuação da crônica um dos personagens (não se sabe qual) relata que viu uma calça comprida, de mulher, mas que dessa vez os escritos eram diferentes e o texto lhe chamara a atenção. “Pois essa tinha poemas em português, de Camões ao Vinícius” (Andrade, 1979, p.63). Seu interlocutor pergunta se ele havia anotado tudo, copiado o conteúdo da calça, mas a crônica nos conta que só fora possível checar aquilo que estava visível no momento. “De Bilac, de Cecília, de Bandeira, de Castro Alves, de Fernando Pessoa”. (Andrade, 1979, p.64).

No final do texto, após mencionar muitos dizeres, dos mais variados escritores e poetas da língua portuguesa, um dos personagens menciona um verso do próprio escritor Carlos Drummond de Andrade: “Tinha uma pedra no meio do caminho.” E outro responde: “ – Isso já é prosa, amizade” (Andrade, 1979, p.64). E a crônica termina com uma revelação intrigante, da descoberta da primeira calça poética luso-brasileira e um breve aviso: “Os poetas que tratem de defender seus direitos autorais. A menos que considerem uma honra vestir de versos as mulheres” (Andrade, 1979, p.64).

Somado ao contexto, destaca-se o enquadramento da coleção Para Gostar de Ler, da editora Ática. Inicialmente, após a escolha dos quatro cronistas, foi realizada uma edição experimental de três mil exemplares para que alunos “julgassem” os textos. Como explica Jiro Takahashi, editor do material, em entrevista: “Com as apreciações dos alunos, confirmadas pela nossa equipe e pelos professores que nos acompanhavam, chegamos às crônicas que saíram publicadas, totalmente testadas” (Penz, 2014, n.p.). Ou seja, os textos da coleção foram enquadrados e escolhidos, por e para os jovens estudantes com o objetivo do incentivo à leitura.

Análise narrativa

Ao iniciar a análise narrativa, usaremos alguns instrumentos teóricos descritos na obra de Luiz Gonzaga Motta. O caminho será traçado no sentido de aproximar, verificar e comprovar as teorias citadas sobre objetivação e subjetivação aplicadas na crônica literária, emprestando e dividindo conceitos jornalísticos e literários.

A utilização de conceitos voltados para a análise de textos jornalísticos levanta uma primeira aproximação dessa estrutura com a crônica literária: a questão da autoria e seu objeto. Na crônica escolhida, o fato se posiciona como o mais importante e deve falar por si mesmo, até ocultando o seu autor. Por isso Drummond não se preocupa em mencionar quem está falando ou contando a história e inicia seu texto dessa forma: “É assíduo leitor de blusas, camisas, saias, calças estampadas” (Andrade, 1979, p.64). Mas quem é o assíduo leitor? Ou seja, não importa exatamente quem escreve ou descreve, mas o fato (a leitura de roupas como se fossem livros) e o objeto (as mensagens nas roupas).

Assim como no texto jornalístico, Drummond utiliza uma linguagem enxuta e objetiva, sem perder o foco em seu objeto: a calça literária. Como objeto, torna-se o centro do texto, algo que constrói imagens e que fala por si só. Assim podemos deduzir que não nos importa a identificação do narrador. Nesse sentido, destacamos a estratégia de objetivação a construção do efeito de real, no qual é preciso “fazer com que os leitores/ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si mesmos” (Motta, 2005, p.9). O acontecimento em questão na crônica é a calça literária, com suas mensagens escritas no tecido e isso se sobressai, colocando em segundo plano a identificação e presença de quem comenta ou interage nos diálogos.

A questão do tempo na crônica também representa um ponto de atenção que colabora com a objetividade. Assim como no jornalismo, o presente se impõe e o que importa é o momento atual, que ajuda a organizar a história, em suas camadas de sucessão. Ao analisar o texto encontramos uma conversa que se inicia e se conclui no agora, ainda que mencione o passado: “ – Ontem eu li uma calça comprida, de mulher, que à primeira vista não tinha nada de especial” (Andrade, 1979, p.63), ou mesmo uma ideia de futuro: “ – Estou pensando em aproveitar esse material para fins especificamente didáticos” (Andrade, 1979, p.63). O autor utiliza tais vertentes para trazer o leitor para o agora, o presente e a objetividade de seu tema, daquilo que está sendo descoberto e revelado. “Na afirmação radical do presente (atualidade) o jornalismo constrói a sua versão de neutralidade e objetividade reduzindo e encerrando tudo no momento atual.” (Motta, 2005, p.9). O momento atual da crônica é a descoberta de uma calça literária, escrita exclusivamente com poesia. Essa é a notícia, o fato inédito: “Foi a primeira calça literária, totalmente poética do meu conhecimento” (Andrade, 1979, p.63). Outras ações objetivas que se desenrolam no tempo atual, no momento em que a história acontece, são alguns diálogos que podem trazer o passado para o presente. Como no trecho em que um deles conta que encontrou a calça literária poética e o outro responde: “ – Tomou nota? ” (Andrade, 1979, p.63), com uma ação concreta e objetiva de uma visão que se desenrola no agora.

O conceito de objetivação, também relacionado ao tempo, surge a partir de uma tendência real apontada pela vivência do personagem, expressa indiretamente pela voz do autor, quando comenta sobre moda e as roupas alheias. Primeiro quando descreve que as indumentárias com letras, símbolos e outros dizeres comuns já não são mais originais. Segundo ele, “as peças de indumentária, masculina e feminina, ostentando símbolos e nomes de universidades americanas, manchetes, páginas de jornal, retratos de Pelé e Jimi Hendrix, apelos de amor que não à guerra, etc., deixaram de ser originais” (Andrade, 1979, p.62). Ou seja, um apontamento vindo do indeterminado (quem é ele?) sobre o tempo atual, que está acontecendo no momento da narrativa. E em seguida complementa: “Hoje, lê-se mais nos tecidos do que nos livros, e não é ler apenas, é ver cinema e televisão, pois os corpos, ao se moverem, dinamizam as figuras estampadas”. (Andrade, 1979, p.64). A citação objetiva do hoje é o eixo que conduz a história e que nos revela a verificação de uma tendência, com a escrita nos tecidos. O efeito de real vale-se do tempo

presente, com o aval de quem descreve o fato como uma imagem, como uma fotografia do agora.

O passado e o futuro tendem a perder força, a amenizar-se: tudo gira em torno do hoje, do aqui, do agora, do ao vivo e do on-line. Daí a profusão de advérbios e de expressões adverbiais de tempo e de lugar que vinculam a sucessão de eventos a uma visão do hoje, do agora, do presente, do instante. Ainda que não seja “a realidade”, o texto jornalístico tem veracidade, recorre a recursos de linguagem para parecer factual, objetivo e verdadeiro. Produz o “efeito de real”. Esse é o efeito pretendido e, na maioria dos casos e confirmado pelo leitor. (Motta, 2005, p.9-10)

Para Barthes (2004), a estrutura geral das análises narrativas acabavam sempre aparecendo como algo preditivo, “esquemático ao extremo, e sem levar em conta numerosos desvios, atrasos, reviravoltas e decepções que a narrativa impõe institucionalmente a esse esquema” (Barthes, 2004, p. 183). Ainda em Barthes (2004), o efeito de real envolve a construção de imagens e representações, sem que se importe com questões ligadas à veracidade ou verossimilhança. “O ‘real’ concreto torna-se a justificativa suficiente do dizer” (Barthes, 2004, p.188).

Na construção daquilo que é objetivo e verdadeiro (ainda que não o seja) o autor apresenta uma sucessão de eventos e temporalidades atuais, que induz o leitor a concluir que, a partir de agora, a roupa tenha um outro propósito, além de vestir. “A gente estranha é uma camisa inteiramente nua de dizeres ou figuras, a roupa que não diz nada, só roupa”. (Andrade, 1979, p.64).

Para Motta, “o jornalismo observa o mundo desde o atual, ancora seu relato no presente para relatar o passado e antecipar o futuro” (2005, p.9). Na crônica encontramos o relato do presente, de uma tendência já estabelecida desde início, com a descrição do leitor assíduo de blusas, camisas, saias ou calças estampadas. Sobre o relato do passado, o autor menciona que ficaram para trás a moda dos símbolos, marcas ou nomes de universidades americanas. E para o futuro, o texto extrapola a ideia desse tipo de comunicação, ampliando as mensagens para uma possível utilização didática.

Outro ponto descrito nas estratégias de objetivação e construção dos efeitos de real, segundo Motta, é o “abundante uso de números e de estatísticas que conferem precisão ao relato (idades, quantias, volumes, porções, dimensões, etc.)” (Motta, 2005, p.11). Com efeito, como se fossem dados de uma notícia, na crônica encontramos diversas

citações, que podem soar como “dados” pois acrescentam veracidade e exemplificam a ideia central das mensagens presentes nas roupas, em especial na primeira calça literária totalmente poética. “Versos em todas as direções. De Bilac, de Cecília, de Bandeira, de Castro Alves, de Fernando Pessoa. Uma antologia, bicho” (Andrade, 1979, p.64). Tanto que o autor dedica 20 linhas do texto com citações que estariam na calça literária totalmente poética, muitas frases famosas de outros autores, alguns que Drummond conhecia pessoalmente ou mantinha contato. “Vou me embora para Pasárgada. Amor é fogo que arde sem se ver. Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho”. (Andrade 1979, p.64). Pela ordem, as frases são de Manuel Bandeira, Luís de Camões e Murilo Mendes.

Sobre as estratégias de subjetivação, que auxiliam na construção de efeitos poéticos, a crônica apresenta um autor que conhece muito bem essa linguagem subjetiva. A começar pela reconfiguração da história, encontramos episódios, conflitos e papéis de personagens que provocam ações, humor e ironia.

O convite para a extrapolação da realidade já começa nas primeiras linhas do texto, com um assíduo leitor de blusas, camisas, saias e calças. O autor menciona o fantástico, ou, ainda, o não usual estereótipo de pesquisador de textos itinerantes em tecidos, para depois explicar o contexto da crônica: as roupas nuas de dizeres estão fora da moda. Agora a informação está nos tecidos que os indivíduos vestem, desfilando por aí. Tanto que até existem novas funções de ocupação, como a do assíduo leitor de roupas. Por esse caminho, Motta (2005, p.11) nos lembra que os subsídios para a análise dos efeitos poéticos nascem a partir da “reconfiguração da história e de seus episódios, sobre os conflitos do enredo e os papéis das personagens”. Quando lembramos do tema central do texto, na verdade estamos reconfigurando um modelo existente para ler e se informar, afinal a leitura geralmente é realizada em papel, ou atualmente em telas informatizadas. “A reconfiguração da história operada pelo leitor reconstrói narrativamente as notícias em acontecimentos integrais, com o auxílio da memória cultural ” (Motta, 2005, p.11).

O leitor reconfigura sua maneira de ler, embarcando no imaginário dos textos que circulam entre os diversos tecidos, cores e formatos. Os mais reflexivos podem intuir, reconfigurando sua memória cultural, que o autor faz uma crítica diante de tanta publicidade presente nas vestimentas. Ou então, quando diz que “hoje lê-se mais nos tecidos que nos livros...” (Andrade, 1979, p.62) estaria questionando uma preocupação

maior com a questão da moda e menor com a intelectual, ou seria certo descaso e perda de interesse pelos livros, com maior atenção para marcas?

No percurso da crônica também se encontram recursos linguísticos e extra linguísticos que colocam o que seria absurdo ou improvável como convite, para que o leitor embarque nesse imaginário do autor. Em determinado trecho, um interlocutor menciona que está pensando em aproveitar os escritos nas roupas para fins especificamente didáticos. “Vinte minutos no ônibus – que aula! Classes ao ar livre, na feira, na fila. Escola dinâmica. – Você sozinho é um Mobral 1971” (Andrade 1979, p.63).

Nesse contexto, relembremos que a naturalidade e a objetividade jornalística de Drummond, promovem uma identificação com o leitor, que coloca o incomum e fantástico como humano, aceitável e curioso no enredo.

Recursos linguísticos e extra linguísticos remetem os receptores a estados de espírito catárticos: surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, riso, deboche, ironia, etc. Eles promovem a identificação do leitor com o narrado, humanizam os fatos brutos e promovem a sua compreensão como dramas e tragédias humanas. (Motta, 1979, p. 11)

Nessa recomposição da intriga e do acontecimento, no decorrer das etapas da história, o autor constrói um dos personagens que indaga se o outro havia tomado nota dos dizeres da calça literária poética, quem sabe para sua futura empresa didática de tecidos. Na identificação dos conflitos e anormalidades, o outro responde que sim, mas que só conseguira anotar aquilo que era visível “Depois se levantou, foi a bebedouro, deu tempo para eu colher mais alguma coisa, no ir e vir” (Andrade, 1979, p.63).

Quando se trata da construção personagens, o autor promove identificação com os leitores em diversas passagens, continuidades e justaposições temáticas. “Essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) da sucessão de estados de transformação” (Motta, 2005, p.4). O assíduo leitor de tecidos, é um personagem construído com subjetividade, como se sua atuação fosse a coisa mais normal do mundo. Em seguida, após a identificação com esse imaginário, uma sucessão de transformações o revelam até como uma espécie de *copydesk* de roupas, como se existisse tal profissão, ou seja, um especialista nessa nova linguagem. Como mencionado, não importa quem está dialogando, mas o que o personagem está fazendo, realizando. Assim, quando sugere

categorias sobre os personagens, classificados entre o que fazem e o que são, Reuter (2002, p.41- 43) comenta sobre uma “funcionalidade diferencial: diz respeito não ao ‘ser’, mas ao fazer da personagem relativo ao papel na história.”

A presença do narrador na crônica (ou até a falta dele), por vezes se assemelha ao modelo jornalístico, em formato de relato, com certa distância do fato, evoluindo a história por meio dos personagens. Sobre essa estratégia, o autor “narra como se a verdade estivesse ‘lá fora’, presente nos objetos, independente da intervenção do narrador: dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração” (Motta, 2005, p. 8). O diálogo entre os personagens nos faz pensar nas imagens que descrevem e aí sim, nesse caminho exprimir o que pensam, de forma crítica, criativa e emotiva. “O jornalista é, por natureza, um narrador discreto” (Motta, 2005, p.8) e nesse ponto devemos lembrar que Drummond também era um jornalista.

Seguindo nesse percurso, percebe-se que alguns comentários dos personagens na crônica extrapolam o fato que descrevem, indicando posições e pensamentos. Acontece sobre as ideias de rentabilizarem dizeres em roupas de forma didática, ou a cópia dos versos poéticos na calça feminina para uso. Na mesma lista exista a inclusão e citação de trecho do próprio autor (sobre o poema *No meio do caminho*, que na época de lançamento foi muito criticado e classificado por muitos como prosa). Diante da complexidade narrativa, algumas vezes encontramos “textos jornalísticos que escancaram seu caráter narrativo, como em muitas reportagens e no jornalismo literário. Em geral, há muito hibridismo de gênero” (Motta, 2005, p.9).

Além dessas considerações, existe também a interpretação do leitor, presente nos efeitos poéticos e de subjetividade. Ao retomar o campo da subjetividade, descrito por Motta (2005) a partir da reconfiguração da história e seus episódios, conflitos de enredo ou os papéis de personagens, verifica-se as características que trabalham para o surgimento dos efeitos poéticos. Nesse trajeto, partindo de sua memória cultural, “é o leitor que liga pontos, conecta partes, ressubjetiva as histórias”. (Motta, 2005, p.11). Quando cita a primeira calça literária poética luso-brasileira, o autor aproveita para abrir muitos caminhos, presentes nas inúmeras frases lidas na roupa, como querendo transformar a crônica num balanço poético de versos e referências a outros tempos, amigos, situações. Em outro trecho, de forma mais ácida, faz críticas como “hoje lê-se mais nos tecidos do que nos livros” (Andrade, 1979, p.62) ou “os poetas que tratem de

defender seus direitos autorais. A menos que considerem uma honra vestir de versos as mulheres.”(Andrade, 1979, p.64). Expressões que, dependendo da memória cultural do leitor, podem levar a diferentes conclusões.

Para Moscovici (2007), no caminho da objetivação, os conceitos abstratos são concretizados e materializados em imagens reconhecíveis. Na crônica, Drummond busca tornar familiar a escrita e leitura de poemas em roupas e tecidos. Tal efeito, nos faz pensar que “teorias incomuns, que ninguém levava a sério, passam a ser normais, críveis e explicadoras da realidade” (Moscovici, 2007, p. 71).

Ainda no espaço do texto, que dialoga com a interpretação do leitor, encontra-se na calça literária da história o que o próprio autor, brincando, considera um verso perdido, uma exceção: “Tinha uma pedra no meio do caminho. – Isso aí já é prosa, amizade” (Andrade, 1979, p.64). Para entender o trecho o próprio Drummond comenta, em outro livro, sobre a recepção ao seu poema, publicado em 1928, quando muitos críticos o menosprezaram:

O meu poema “No meio do caminho”, composto de dez versos, repete de propósito sete vezes as palavras “tinha” e “pedra”, e seis vezes as palavras “meio” e “caminho”. Isso foi julgado escandaloso; hoje o poema está traduzido em 17 línguas, e me diverti publicando um livro de 194 páginas contendo as descomposturas mas indignadas contra ele, e também os elogios mais entusiásticos (Andrade, 1989, p.1).

Jornalismo e literatura estão em um contexto muito próximo. Tendo em vista que os cronistas da coleção consideravam o jornalismo como a garantia de salário, e a literatura como tarefa que gostavam de fazer, é natural considerar que o jornalismo pautasse as crônicas. “O que eu gosto mesmo é de já ter escrito” (Braga et al., 1979, p.9), dizia Fernando Sabino em comentários da coleção Para Gostar de Ler. A análise narrativa comprova que os instrumentos de objetivação estão muito mais presentes na linguagem jornalística, enquanto as características de subjetivação encontram um campo mais livre para o uso da linguagem literária. Drummond certa vez mencionou de onde tirava ideias para escrever: “nas coisas que escrevo, nas que me contam, nas que os jornais publicam e nas que imagino” (Andrade, 1979, p.4). Se o autor se baseia nas coisas que escreve (jornais), a crônica *Calça Literária* pode ser considerada um bom exemplo daquilo que é uma notícia objetiva, com o rigor jornalístico (observação, apuração e notícia) mas em

um contexto subjetivo, de extrapolação e imaginação (a leitura e literatura nos tecidos de uma calça).

Considerações finais

Longe de esgotar o assunto e apontar reflexões mais profundas, percebe-se que Drummond apresenta um modelo híbrido de escrita conjugando instrumentos de objetividade e subjetividade. Dono de muitos recursos e facetas, o jornalista, escritor e poeta, parte da objetividade do jornalismo para uma subjetivação com lampejos poéticos e citações, aliadas ao humor, crítica e autocrítica.

Do jornalismo consideramos a objetividade do texto, na qual se constata que os fatos falam por si mesmos. Além disso, o autor, quem sabe pautado por algo que viu, escreveu ou leu nos jornais, mantém o objeto (calça literária) sempre em foco. O tempo também é uma questão que provoca objetividade, canalizando e encerrando tudo no momento atual. Acontece quando o personagem sugere as imagens, traz o passado para o presente, a partir da calça que viu e que se tornou o exemplo a ser comentado e até a ser seguido com finalidades didáticas. Mesmo sendo fictício, a linguagem utilizada parece factual e verdadeira, com o efeito de real e ampliação desse conceito de notícia, em citações e exemplos do objeto que havia sido observado, como reação a um fato inédito.

O âmbito subjetivo desenrola-se por meio da reconfiguração da história, presente na nova forma de linguagem em mensagens escritas no vestuário. Nesse enredo, entre conflitos, papéis, humor, críticas e ironia, Drummond confia o imaginário. Também como parte subjetiva do texto existe a reconfiguração do leitor, que é operada internamente, a partir da sua memória e herança cultural. Para compor esse mundo, o autor se utiliza de recursos linguísticos e extralinguísticos, como anotar somente o que era visível da calça literária, descrevendo “ganchos” dos estados de transformação da história.

No texto, vemos também não somente o ser, mas o fazer dos personagens, empurrando a verdade deles, lá fora, no objeto (as roupas) para nossa captação e imaginário. Muito à vontade, Drummond ainda utiliza o texto para homenagear amigos, com a citação de versos e brincar com a própria polêmica em torno de seu poema. Na verdade, é uma característica do autor, falar de si, às vezes usando seu próprio nome,

fazendo uma autocrítica ou questionamento. Como acontece em alguns de seus poemas, como exemplo, no *Poema das Sete Faces*: “Vai Carlos! Ser *gauche* na vida.” (Andrade, 1989, p.13) ou em *Não se mate*: “Carlos, sossegue, o amor é isso que você está vendo: hoje beija, amanhã não beija, depois de amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe o que será.” (Andrade, 1989, p. 147).

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro, 1989

ANDRADE, Carlos Drummond de. **De Notícias & Não-notícias Faz-se a Crônica**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Calça Literária. In: BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando. **Para Gostar de Ler** – Volume 3. São Paulo: Ática, 1979. p.62-64

BARTHES, Roland. **O efeito de real**. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 181-190.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 1. São Paulo: Ática, 1977.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 3. São Paulo: Ática, 1979.

BRAGA, Rubem; CAMPOS, Paulo M.; ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; **Para Gostar de Ler** – Volume 4. São Paulo: Ática, 1979.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 29-110.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. In: Anais [...] São Paulo: Intercom, 2005. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>
Acesso em 20 jun. 2024.

PENZ, R. A história da coleção “Para Gostar de Ler”. **Revista da Crônica**. São Paulo, 29 de maio de 2014. Disponível em:
<https://rubem.wordpress.com/2014/05/29/a-historia-da-colecao-para-gostar-de-ler/>. Acesso em 20 jun. 2024.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**. São Paulo: Difel, 2000.